

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — O projeto Memória Vera Cruz — um arrojado empreendimento que envolve pesquisa, recuperação de elementos de produção cinematográfica e restauração de 18 filmes de longa metragem legados pela extinta Cia. Vera Cruz ao cinema brasileiro — finalmente poderá ser conhecido e reconhecido pelo público brasileiro a partir de outubro.

A história começou assim: todo o material iconográfico — fotografias e documentos do período de 1949 a 1954 — que marcou a curta, porém intensa vida de uma empresa que era uma espécie de projeção cinematográfica do surto industrial paulista foi depositado no Museu da Imagem e do Som (MIS) por William Khoury, produtor cinematográfico e hoje detentor da razão social da velha companhia.

No segundo capítulo, o ator Renato Consorte, que teve participação ativa na Vera Cruz, tomou novo contato com o material e começou a estruturar um projeto de recuperação e preservação do acervo. A Eletropaulo, uma das estatais paulistas do setor de energia elétrica, se interessou pela proposta do MIS, que tinha apoio da Secretaria de Cultura do Estado, e financiou a primeira etapa da pesquisa e restauração.

A continuidade do projeto exigia, porém, maiores investimentos. E em abril deste ano veio a boa nova: Caio Simeira Jacob, vice-

A memória da Vera Cruz está salva

São Paulo — Murillo Menon



Simeira, da Fenícia, financiou o projeto

presidente do grupo Fenícia, um dos maiores grupos privados do Brasil, aproveitou a entrada em vigor da Lei Sarney e investiu 9 milhões de cruzados num projeto que lhe soou "sentimentalmente agradável".

Numa coletiva de imprensa realizada no auditório do MIS, que reuniu todos os participantes do

projeto, Caio Simeira Jacob contou:

— A primeira imagem que tenho de minha vida é uma cena de Jeanette MacDonald e Nelson Eddy no filme *O garboso polícia montada* e, talvez por isso, ou por inclinações naturais, o cinema é e sempre foi uma das minhas grandes paixões.

A secretária de Cultura

do Estado de São Paulo, a atriz Bete Mendes, não parou de fazer comentários a respeito do Memória Vera Cruz durante a projeção de dois trechos de documentários sobre o empreendimento da velha companhia (dirigido por João Batista de Andrade em 1986 e outro produzido pela própria Vera Cruz em 1954), que também ocorreu na mesma ocasião no auditório do MIS.

— Eu me sinto honrada por este projeto acontecendo na minha secretaria — disse Bete. — Veja só, nunca mais tivemos estúdios tão grandes assim — comentava ela, agora com olhos de atriz.

Nomes como Tônia Carreiro, Caçula Becker, Franco Zampari, Ziembinski e tantos outros participantes deste fértil ciclo do cinema brasileiro estarão circulando no MIS a partir da primeira quinzena de outubro. Durante dois meses ocorrerá a retrospectiva dos 18 filmes produzidos entre 1949 e 1954: oportunidade para conhecer ou rever *O caiçara*, *O cangaço*, *Appassionata* e outros, e ver exposição de cartazes, equipamentos e fotos, e ouvir palestras. Uma das convidadas de honra é Maria Rita Galvão, que tem uma tese sobre a Vera Cruz. O atual presidente do MIS, Guilherme Lisboa, foi um dos principais defensores do projeto:

— O trabalho completo do Memória Vera Cruz recupera um dos momentos da maior importância do cinema brasileiro e documenta um processo cuja riqueza deve ser devolvida à comunidade.